

“REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”

FURO N’ÁGUA

por José Farhat

Adolescente ainda, quando voltava do colégio, nas tardes de meados da primavera, levava meus livros e ia estudar nas dunas de areia que separavam a bucólica aldeia de meus antepassados, do azul do mar Mediterrâneo. Lá pelo meio da tarde passavam os *Spitfires* da *Royal Air Force* e um deles em particular passava rasante e, na volta, eu acenava com um galho de tamareira e o piloto fazia um *tonneau* a caminho de volta para sua base. Éramos amigos e aliados. As forças da França livre e seus aliados acabavam de libertar o Líbano e a Síria do domínio da França de Pétain, o que valia dizer, da Alemanha nazista. Lá na aldeia eu havia montado numa das paredes de um açougue um mural de informações dando conta das vitórias aliadas, o que não agradava a ninguém a minha volta, todos germanófilos – não por amor à Alemanha e a Hitler, mas por serem inimigos dos impérios britânico e francês. A guerra acabou, os aliados venceram e Grã Bretanha e França voltaram a trair os árabes, tal como me avisavam lá na aldeia. Eles tinham razão, eu estava enganado. Israel está aí para confirmar, os Estados Unidos também; Reino Unido e França servindo de montarias.

A aldeia de meus antepassados é hoje uma grande favela e as dunas não existem mais, pois sobre elas sobrevivem, a míngua, refugiados de levadas de palestinos, sírios e libaneses do sul e do Bekaa. Lá no mar, no entanto, vê-se o perfil de um destróier que não passaria de um contra-torpedeiro comum, não fora o armamento de alta sofisticação e alcance de seus mísseis.

É o *USS Cole*, navio de guerra que conhecemos, de outras visitas indesejáveis. Fora ele dono de seu nariz e poderíamos dizer que sua atração por águas árabes já se tornou famosa. Já andou em águas do Golfo Árabe e do Mar Vermelho (onde foi atingido por um barco de pescadores que protestavam contra a presença da marinha dos Estados Unidos em águas territoriais iemenitas) e, agora, está à vista dos libaneses que não cessam de lutar contra a tentativa yanque de influenciar o destino do Líbano, como querem e quer Israel, e não como convém aos libaneses.

Cansados de bater as botas nos cupinzeiros afegãos, sem chegar a conclusão; dar braçadas nos pantanais iraquianos, sem resultado que sirva, Tio Sam vem, de repente, fazer banzeiro melancólico de império que se desfaz, nas águas cristalinas do Mediterrâneo. “*Mediterrâneo mar nosso*” já gritava Benito Mussolini, no início da II Guerra Mundial, e deu no que deu. Se lá estão os yanques para intimidar os libaneses em geral, a oposição em particular, a resistência patriótica à ocupação de todas as terras árabes, mas também atemorizar a Síria e também assustar o Irã estão fazendo furo n’água.

George W. Bush e o conjunto das indústrias - do petróleo, bélica, química e outras - que o elegeram duas vezes e mandam nele está pretendendo manifestar sua preocupação com a situação de estabilidade da região, em vez de fazer passear seus navios de guerra ao longo da costa libanesa, para intimidar o Líbano e principalmente a Síria, toda essa fanfarronice não terá qualquer efeito. Estas operações navais não intimidam a quem querem intimidar e nem conforta a quem desejam confortar.

Israel com todas as suas armas sofisticadas, de longuíssimo alcance, que testou no último verão, no Líbano, convenceu-se que elas não intimidaram os libaneses e nem ajudaram suas forças terrestres a ocupar um centímetro de solo libanês. O curioso é que o estado maior israelense troca informações *on line* com seus pares norte-americanos e nem assim estes de convenceram da ineficácia de tais ações.

Falta de troca de informações e aprender com experiências anteriores não parece o forte de Pentágono e Casa Branca. Os britânicos amargaram mais de duas décadas com a resistência iraquiana à ocupação e, apesar disto, eles se juntaram aos estadunidenses para invadir o Iraque e, logo mais, chegarão ao primeiro decênio, sem qualquer resultado prático.

Pior, os yanques não aprenderam até mesmo com seus próprios erros, precisamente no próprio Líbano.

“REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”

Em 1983, durante a guerra civil no Líbano, foi formada a Força Multinacional (um nome atrás do qual se escondia Tio Sam) formada majoritariamente por estadunidenses, importante contingente francês e outros poucos, enviados à região “para restaurar a ordem”. As forças norte-americanas eram formadas por elementos da *United States Marine Corps*, em terra, e pela *United States Sixth Fleet*, atuando desde o mar.

A Sexta Frota atacou posições dos combatentes libaneses com 338 tiros de canhão de 127 mm, vindos dos *USS Virginia*, *USS John Rodgers*, *USS Bowen* e *USS Radford*, até o dia 25 de setembro, quando foi declarado um cessar-fogo, coincidindo a data com a chegada à cena do *USS New Jersey* que se juntou à frota.

A resistência libanesa, no dia 23 de outubro, atacou os quartéis das forças norte-americanas e francesas e pôs um fim nos ares de mandões dos ocupantes estrangeiros e quem sobreviveu seguiu para seus destinos.

De fracasso em fracasso em terra, o *USS New Jersey* na pretensão de salvar a sua e a face de seus asseclas externos e internos, atirou 11 projéteis de 406 mm nas posições da resistência em Beirute, em 14 de dezembro, mais 300 projéteis sobre as posições da resistência libanesa e das forças sírias, no Bekaa.

Com estes bombardeios, os norte-americanos sofreriam um revés inesperado: os sunitas, até então de certa forma neutros, se convenceram de que os Estados Unidos haviam tomado parte a favor dos cristãos e contra os muçulmanos. Quanto aos xiitas, e quem diz é o general Collin Powell (àquela altura apenas assistente de Caspar Weinberg, Secretário da Defesa), ao escrever em suas memórias: “Quando as bombas começaram a cair, os xiitas assumiram que o juiz havia tomado partido”.

Hoje em dia, o *USS New Jersey* é defunto.

E agora, com o *USS Cole*, o governo Bush trouxe novamente à memória o feito da armada de seu país, como conseguiu a unanimidade dos libaneses: até Fouad Siniora, ficou embaraçado e declarou que o governo libanês só aceita em suas águas territoriais barcos libaneses ou aqueles das forças das Nações Unidas (Unifil) e ele chegou até a pedir explicações à Encarregada de Negócios dos Estados Unidos em Beirute.

E Nicolas Sarkozy, Presidente da França, avisado com antecedência, não apoiou explicitamente a atitude belicista de seu parceiro, mas não deixou de se associar às motivações ianques.

É assim que Bush dá de presente à oposição libanesa e à gloriosa resistência, tendo à frente o Hizbullah, assim como à Síria e ao Irã, já que eles colocam todos no mesmo rol, uma oportunidade de apontar o dedo para os Estados Unidos. Desta vez, não somente por apoiar Israel no *holocausto* que está impingindo aos árabes da Palestina, do Líbano e do Iraque, mas também pelo apoio à ocupação israelense de terras árabes da Palestina, do Líbano e da Síria. Igualmente porque pratica o que ensina a seu pupilo.

Nosso consolo é que o *USS Cole* fracassará como o *USS New Jersey* fracassou e nossa mágoa são as nossas vítimas.

José Farhat, é cientista político.